

ALBERT CAMUS: O MITO DE SÍSIFO E SUAS CORRELAÇÕES COM O HOMEM CONTEMPORÂNEO

CARLOS GUILHERME DA SILVA *

RESUMO

O presente artigo traça paralelos entre a obra *O mito de Sísifo* (1942) do filósofo e romancista franco-argelino Albert Camus (1913-1960) e os problemas vivenciados pelo homem contemporâneo, através da compreensão de termos como o Absurdo, o suicídio e a revolta, tentando estabelecer como o ser humano do século XXI não está tão distante do personagem da narrativa grega.

PALAVRAS-CHAVES

Contemporâneo. Absurdo. Camus. Suicídio. Revolta.

ABSTRACT

This article draws parallels between the work *The Myth of Sisyphus* (1942) by the Franco-Algerian philosopher and novelist Albert Camus (1913-1960) and the problems experienced by contemporary man, through the understanding of terms such as the Absurd, suicide and revolt, trying to establish how the human being of the 21st century is not so far from the character of the Greek narrative.

KEYWORDS

Contemporary. Absurd. Camus. Suicide. Revolt.



INTRODUÇÃO

Vivendo num mundo capitalista a qual cobra um ritmo de produção incessante e uma exigência do homem que o faz realizar as tarefas de uma forma maquinal ao qual lhe roubar a identidade e o tempo de ócio que poderia ser usado para contemplar a sua própria existência, não é incomum nos depararmos com relatos de pessoas que falam das altas cargas horárias de trabalho, que conduzem o homem contemporâneo a um sentimento de desolação além de doenças como por exemplo a síndrome de *Brown-out*, o estresse e a depressão.

Não é incomum ou difícil de encontrar nas Mídias sociais casos de pessoas que alegam que a vida não tem mais sentido, que buscam um sentido ou um propósito para suas vidas, e quando não encontram um sentido inerente para suas existências contemplam o suicídio, pois a angústia e o desamparo parecem o consumir.

Mas é nessa perspectiva de responder que mesmo em meio esse sentimento de vazio e momento ao qual nos deparamos com o abismo que Albert Camus vem nos mostrar o por que a vida vale a pena ser vivida. Com o mais nobre esforço filosófico o autor Franco-argelino vai argumentar e construir conceitos que deixaram clara sua posição contra o suicídio. E aqui neste breve artigo comentaremos sobre como a obra de 1942 dialoga com o problema do homem contemporâneo e suas angústias que levam ao suicídio, através da compreensão dos conceitos de Absurdo e sua relação com o suicídio e também a revolta, a liberdade e a paixão como meios de rejeitar o suicídio e preservar a vida.

* Graduando em filosofia licenciatura na Universidade Federal de Alagoas - UFAL.

O CONCEITO DO ABSURDO

Para termos melhor visão deste termo no pensamento de Camus é preciso rememorar o contexto histórico ao qual o franco-argelino viveu que certamente o influenciou a discorrer sobre esses temas. O cenário ao qual o mundo se encontrava em sua época desde a juventude; perdendo o pai na primeira guerra mundial e vivenciando os horrores do segundo conflito global e suas consequências de dor, angústia e desamparo que afligiu aquela geração do pós-guerra.

No dicionário escolar da academia brasileira de letras (2011) o termo absurdo está comumente descrito como “que é destituído de racionalidade. Que não se enquadra em regras e condições estabelecidas”. Assim o absurdo é algo que foge a lógica e impossibilitaria de ser pensado de maneira reflexiva, porque a razão não explicaria algo que por sua definição se desvencilha do uso da já citada razão. Já para Camus o absurdo não está no homem ou no próprio universo, cita Pedro Israel Saraiva Azevedo:

Segundo Camus, o Absurdo é um sentimento inapreensível, pois, refere-se à tensão existente no confronto do homem com o mundo, ou seja, ele, que é tema principal de sua filosofia, torna-se inapreensível na perspectiva em que ele não está no homem, nem no mundo, mas, sim, no conflito que há entre eles. (Azevedo, 2017, p. 27).

O contexto histórico que pode ter levado o franco-argelino a discorrer sobre esses temas foi o cenário ao qual o mundo se encontrava em sua época desde a juventude; perdendo o pai na primeira guerra mundial e vivenciando os horrores do segundo conflito global e suas consequências de dor, angústia e desamparo que afligiu aquela geração do pós-guerra.

Em linhas gerais, o absurdo para o franco-argelino se constitui na contradição que ocorre quando o ser humano se põe a pensar e estabelecer um sentido ao mundo, enquanto aparentemente o mundo não oferece resposta nesta busca por significação pelo ser humano e nesse confronto entre os dois lados, nasce o sentimento do absurdo. Ao explorar a noção do conceito absurdista, a qual o ser humano presencia e experimenta de sentimentos aos quais o fazem buscar soluções para essas inquietações Camus em sua obra apresenta o absurdo, na qual o homem contemporâneo estabelece o problema da angústia, desespero e desamparo da própria condição humana. (Bispo, 2013, p. 21).

Vale salientar que Camus compreende que é necessário separar a existência da noção de absurdo do despertar da consciência, pois, esse acender a racionalidade é questionar e romper com as ações impensadas que reproduzidos corriqueiramente no nosso cotidiano, a o despertar da razão coloca o homem em confronto com sua realidade e o faz enxergar tudo aquilo que outrora não havia parado para refletir.

E não necessariamente seria preciso um aprofundamento em artigos acadêmicos, ou em obras que retratam o existencialismo ou niilismo para o homem se defrontar e racionalizar a ideia o absurdo, por que segundo o autor, por estar embutido na cotidianidade do sujeito é que o pensamento absurdo através da razão e lógica humana poderia nascer de qualquer situação, por mais banal que a mesma possa parecer. “Todas as grandes ações e todos os grandes pensamentos têm um começo ridículo. Muitas vezes as grandes obras nascem da esquina de uma rua ou na porta giratória um restaurante. Absurdo assim.” (Camus, 1942, p. 27).

Sendo assim, aquele que se propôs a entender o absurdo como um conceito unitário e impaciente busca significação no mundo, e nessa busca por encontrar um sentido, o homem acaba sempre esbarrando na muralha do incompreensível, escreve Camus:

Esse inapreensível sentimento do absurdo, quem sabe então possamos atingi-los nos mundos diferentes, porém irmanados, da inteligência, da arte de viver ou da arte pura e simples. O ambiente de absurdo está desde o começo. O final é o universo absurdo e a atitude de espírito que ilumina o mundo com uma luz que lhe é própria, para fazer resplandecer o rosto privilegiado e implacável que ela sabe reconhecer-lhe. (Camus, 1941, p. 26-27).

O homem absurdo vive alheio as convenções sociais, pois mesmo dotado do pleno uso da razão o mesmo ainda não é capaz de lidar com suas incertezas; dessa forma estaria privado de alcançar a felicidade almejada. Por buscar sentido em tudo que permeia a sua existência, o sujeito busca significado e concretude mas esbarra em pensamentos imersivos da sua própria condição, que o faz

se deparar com absurdidade da vida.

O humano deseja estabilidade e familiaridade, mas ele sempre estará envolto a questionamentos reflexivos acerca de sua existência, provocando dúvidas e incertezas, o que nos permite dizer ou ter plena certeza de que ele se deparou com o absurdo. Segundo Camus, viver é morrer a cada dia que se encerra. Mesmo acreditando em um futuro: “mais tarde”, “quando você terminar o doutorado”, “trata-se de uma inconsequência admirável”. (Bispo, 2013, p. 22-23).

Agora cientes do que seria o absurdo e como ele nasce, a indagação que vem é, como este conceito aparece empiricamente na vida do homem moderno? E como ao experienciá-lo faz com o que o sujeito moderno contemple o suicídio, e ainda há uma relação entre o ser humano da contemporaneidade e o mito apresentado por Albert Camus.

HOMEM CONTEMPORÂNEO COMO SÍSIFO DOS DIAS ATUAIS E SUA RELAÇÃO COM O SUICÍDIO

O operário de hoje trabalha todos os dias de sua vida nas mesmas tarefas, e esse destino não é menos absurdo. (Camus, 1942, p. 139).

Após enganar aos deuses, Sísifo é condenado a rolar uma enorme rocha até o topo de uma montanha, só que para que ao fim do dia, quando complete a tarefa ela role mais uma vez até a base da montanha, para que o homem tenha de repetir o mesmo esforço por toda a eternidade. No primeiro contato com o enredo deste mito, acabamos incumbindo ao trabalho de Sísifo um esforço sem sentido e em vão, por repetir esta tarefa eternamente sem nada mudar, então sua tarefa torna-se absurda.

Mesmo provindo de um caráter mitológico, a condição de Sísifo esta mais próxima da realidade do que possamos imaginar. Num mundo capitalista, onde consumo e a produtividade imperam, o proletariado incorpora o papel do personagem do mito; a pedra do homem moderno são jornadas entre oito e dez horas de trabalho, muitas vezes braçais, e sua montanha os dias da semana, onde em sua maioria se começa na base da montanha as segundas-feiras e se chega ao topo no sábado, para que no domingo ela role de volta a base.

Todavia, seu esforço não é nem ameno, nem distante: o pesado castigo está muito próximo da realidade do homem. O seu rochedo parece ter-se multiplicado em incontáveis outros rochedos invisíveis, empurrados “montanha” acima pelos mortais racionais. Invisíveis, mas cuja materialidade é percebida pelo homem, que sente seu peso a cada manhã, quando se prepara para uma nova jornada. (Souza, 2007, p. 16).

O homem contemporâneo se encontra na mesma condição de Sísifo, se o protagonista do mito era obrigado pelos seres divinos a cumprir repetidamente a tarefa, hoje os “deuses” que nos obrigam a empurrar a pedra é o modelo econômico a qual estamos vivendo, a grande demanda de produção que não está voltada para suprir as necessidades sociais, mas sim para satisfazer o desejo demasiado de consumo da¹ sociedade contemporânea.

E nesse ritmo incessante de produção em massa difundido pela sociedade capitalista elucidados pelo uso da razão que nos descobrimos Sísifos contemporâneos, pois a indagação de pra quem? Por que? e por que tanto se produz? nos faz perceber que perdemos o sentido final do trabalho, pois na idade média os artesãos produziam e todos sabiam de quem e para quem iam as peças produzidas (Souza, 2007, p. 19) e a partir do momento ao qual o consumo em massa fez com que este ato se perdesse gradativamente o sentido do seu trabalho.

Assim ao tomar consciência da condição frustrante de prestar uma tarefa em vão, de estar numa rotina cansativa e que não aparenta sentido para continuar que o homem constata o absurdo. Assim o mesmo busca saídas que lhe apontem sentido e que respondam suas indagações provindas dessa constatação de falta de sentido, e quando racionalmente não conseguimos, uma das fugas que se apresenta ao ser humano é o suicídio.

Não é enquanto rolamos a pedra que contemplamos o suicídio, mas sim enquanto descemos de volta a base, aos finais de semana ou quando voltamos para casa nos ônibus lotados. Aqueles

1 Salientamos que Camus não pensa no contexto social e político para articular seu pensamento perante o absurdo e o suicídio, ele incorpora uma visão mais individual ou seja, numa visão exata da desproporção homem e mundo! Mas para uma melhor interpretação de como o meio social infere no absurdo e leva ao homem a contemplar o suicídio indicamos a obra “O suicídio” (1897) de Émile Durkheim.

que se dispõe a observar seu cenário através do uso da razão se defronta com essa angústia por que “começar a pensar é começar a ser atormentado” (Camus, 2017, p. 100) além de que, Camus rompe com a ideia de que aqueles que contemplam o suicídio são pessoas acometidas por um quadro de depressão, já que aquele que se dispõe a analisar criticamente pode constatar o absurdo em qualquer atividade corriqueira da vida.

Todas as grandes ações e todos os grandes pensamentos têm um começo ridículo. Muitas vezes as grandes obras nascem na esquina de uma rua ou na porta giratória de um restaurante. Absurdo assim. O mundo absurdo, mais do que outro, obtém sua nobreza desse nascimento miserável. Em certas situações, responder “nada” a uma pergunta sobre a natureza de seus pensamentos pode ser uma finta de um homem. Os seres amados sabem bem disto. Mas se a resposta for sincera, se expressar aquele singular estado de alma em que o vazio se torna eloquente, em que se rompe a corrente dos gestos cotidianos, em que o coração procura em vão o elo que lhe falta, ela é então um primeiro sinal do absurdo. (Camus, 1942, p. 27).

O franco-argelino renega o suicídio como a saída da falta de sentido do absurdo, mas discorre sobre este tema categorizando este termo em suicídio filosófico e suicídio físico. Olhando para o contexto atual, as altas cargas horárias de trabalho aliadas ao estilo de vida alucinante e frenético das grandes metrópoles, conduzem o homem moderno a viver do cansaço, de uma sensação de falta de tempo e a necessidade de produzir acabam se tornando grandes barreiras na capacidade humana de refletir sobre suas ações cotidianas.

E a não reflexão nas ações é o que nosso autor categoriza como suicídio filosófico, que ficou também conhecido como “salto da fé” que nada mais seria que a crença irracional em fatores metafísicos, o suicídio filosófico é constituído por todo ato que “mate sua capacidade de pensar”.

E nessa procura, o pensamento cujas origens são o encontro com a absurdidade da vida, de repente, nega a si próprio, nega por completo a razão humana e salta aspirando ao eterno (Camus, 2013a, p. 50). É como perceber os limites da razão, frustrar-se de tal maneira e, por fim, mergulhar na total irracionalidade que a fé, ou a metafísica, inspira em seus seguidores. E desse modo calar essa insuportável frustração. Nesse viés, orienta-se o suicídio filosófico. (Lins, 2016, p. 49).

Já o suicídio físico é o ato literal de suprimir a própria vida, o que Camus repreende com todo fervor quanto o salto da fé. Camus sistematiza a ética do absurdo a partir de uma trindade, que se constitui entre homem, mundo e contradição; o termo trindade que provém do cristianismo para explicar a Deus que é três em um, ou seja algo “inconcebível” ou em outras palavras até mesmo absurdo. Entendendo isso, Camus argumenta que eliminar uma das três peças da trindade é executá-la como um todo!

Camus rejeita que o suicídio deva ser deduzido do absurdo, pois esse ato elimina o Problema sem dar-lhe uma solução, eliminando o homem, um dos termos da trindade. Os Termos essenciais que configuram o absurdo são três: homem, mundo e contradição entre Ambos [...] destruir um desses termos é destruí-lo inteiramente. Dessa maneira, percebemos que cada vez mais a experiência absurda afasta o homem da eliminação de sua própria vida. Para o filósofo aqui estudado, o confronto entre a interrogação humana e o silêncio do mundo deve ser mantido. (Pimenta, 2012, p. 21).

Então o suicídio em nenhum âmbito é a maneira é a forma de superar a falta de sentido oriunda do absurdo, pois ele ao realizar o ato físico é eliminado o único agente presente de se viver e assim encontrar uma maneira de sobrepor o absurdo, e este agente eliminado é o próprio homem.

REVOLTA, LIBERDADE E A PAIXÃO CONTRA O ABSURDO

[...] extraio assim do absurdo três consequências, que são minha revolta, minha liberdade, minha paixão. Com o puro jogo da consciência, transformo em regra de vida o que era convite a mote – rejeito o suicídio. (Camus, 1942, p. 68).

Na primeira leitura o franco-argelino pode parecer pessimista com relação ao absurdo e que realmente, a vida não vale a pena ser vivida! Mas é justamente ao contrário, Camus é um apaixonado pela vida tal como o próprio Sísifo. E já no Mito vai buscar caminhos que demonstrem o por que a vida vale a pena.

Renegando a opção do suicídio, as soluções lógicas para lidar com o problema do absurdo são indicadas por Albert Camus são a revolta, a liberdade e paixão. Através da revolta criasse um

confronto com direto entre o ser humano e o mundo, logo ao revoltasse o homem renega a renúncia da vida e perpetua a existência do absurdo.

Logo o homem que se revolta se apega a própria vida, como ato de resistência contra os desígnios do mundo e viver a vida no máximo que ela pode ser vivida no literal sentido de quantidade.

A principal obra de Camus sobre a revolta é *O homem revoltado*, mas, no Mito, ela já é colocada como uma resposta ao absurdo. Sendo um protesto contra a própria condição ontológica, a revolta é contrária à renúncia, ela é um desafio e a manutenção do confronto do homem como mundo. Logo, ela é um testemunho da primeira evidência. (Pimenta, 2012, p. 21).

E nessa perpetuação do absurdo, a liberdade é um dos conceitos primordiais, ressaltando que a liberdade está adjunta do despertar da consciência.

Na manutenção do absurdo, a liberdade é uma atitude coerente, ou melhor, a Verdadeira liberdade começa com a descoberta do absurdo. Antes desta descoberta o homem planeja seu futuro, porém, após o surgimento da consciência, tudo se altera. Era exatamente a vida maquinal que o impedia de exercer sua liberdade. (Pimenta, 2012, p. 22).

Camus não vai negar a existência de Deus ou o pensamento cristão, mas para ele a liberdade a qual o autor se refere não é passível de qualquer que seja a divindade na discussão. Nenhum conceito que não mire a vida presente é descartado pelo autor e o conceito de liberdade ao qual será proposto por ele é está ligada as coisas que possam ser experimentadas empiricamente.

Então sendo assim nenhuma liberdade pode ser provinda de um ser superior “se Deus existe, tudo depende dele e nós nada podemos contra sua vontade. Se ele não existe tudo depende de nós” (Camus, 2017, p. 84) sendo assim Camus não pensa na liberdade como um conceito metafísico e transcendental, muito menos abstrato, a liberdade proposta por o franco-argelino está ligada ao homem do dia a dia, ao proletário e todo aquele que se desprende da vida maquinal.

Logo a liberdade de Camus está ligada ao seu conceito de absurdo, pois é uma liberdade empírica, possível de ser sentida e alcançada por o homem contemporâneo durante todos os momentos da sua vida. E daí renega mais uma vez o suicídio, pois a liberdade está de encontro com a existência do absurdo e exterminar a vida é exterminar o absurdo.

Portanto, Camus não se interessa pelo Conceito metafísico de liberdade. Sua investigação foi sobre o homem concreto, o homem de Carne e osso. Da mesma maneira ele fez com a liberdade, sendo ela uma liberdade concreta, isto é, uma que podemos experimentar diante de nosso destino limitado e esmagador. Saber se homem é essencialmente livre não foi uma preocupação camusiana. Além disso, o suicídio não é uma prova de liberdade, pois como foi afirmado, a verdadeira liberdade começa com o absurdo, e a eliminação da própria vida, elimina também o absurdo. (Pimenta, 2012, p. 22).

A terceira consequência é a paixão, para o homem tem em si o desejo natural de viver, e isso por si só já é motivo suficiente para a manutenção da vida. A sublime aceitação de si próprio e do seu destino absurdo, a paixão permite ao homem descartar qualquer divindade que lhe dê algum significado irracional! Assim na constatação do absurdo que é sua vida máquinas, o homem não retira sua vida, pois para Camus a partir do momento ao qual não há sentido inerente, se não há divindades as quais ditam regras éticas e morais, somos livres para criar o nosso próprio sentido para vida.

Nesse sentido a paixão por viver junto da mesma razão a qual nós fez constatar o absurdo, nos faz perceber os pequenos aspectos da vida em toda sua beleza! Um exemplo desta paixão está nas coisas que permeiam nossa existência e que dê alguma maneira ele reacende a chama por viver, tais como a arte, a música, a razão e amor. Mesmo após uma semana de trabalho exaustivo, a intimidade com a pessoa amada não faz do sexo menos prazeroso, no ônibus lotado no caminho da ida e da volta não faz das músicas que amamos menos contagiantes!

Quando Nietzsche escreve: “Parece claramente, que o principal, no céu e na terra é obedecer por longo tempo e na mesma direção: afinal, daí resulta alguma coisa que vale a pena viver nessa Terra, como por exemplo a virtude, a arte, a música, a dança, a razão, o espírito, alguma coisa que transfigura, algo de refinado, de fino, de louco e de divino. (Camus, 2010, p. 68).

Assim, tomados pela revolta, dotados pela liberdade e a paixão o homem maximiza sua vida

em próprios termos de quantidade e renega o suicídio, se encaixando melhor na temporalidade e na vida cotidiana, mesmo nos momentos que rolamos a pedra, tomados destes três conceitos a angústia e o desamparo não fará com o que o homem absurdo seja levado a exprimir sua vida, seja de forma literal ou filosófica e mantenha vivo seu confronto diário com o absurdo. E assim Camus termina sua obra “Cada grão dessa pedra, cada fragmento mineral dessa montanha cheia de noite forma por si só um mundo. A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem. É preciso imaginar Sísifo feliz.” (Camus, 2010, p.69)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o corpo deste artigo buscamos fazer correlações significativas entre o pensamento de Albert Camus (1913-1960) e a vida levada pelo homem contemporâneo, suas duras jornadas de trabalho forçadas por um mundo capitalista que funciona cada vez mais rápido.

Onde num breve momento ao se deparar com as suas repetitivas tarefas diárias o homem se pergunta o porque de continuar repetindo tais atos, que nesse momento de reflexão com uso da razão ele julga tudo aquilo sem sentido e busca respostas no mundo, que por sua vez aparentemente fica em silêncio e não dá as respostas buscadas pelo homem que vê no suicídio uma maneira de lidar com o desamparo na falta de sentido que permeia sua vida.

Então aqui se encaixa a filosofia proposta pelo nosso autor, que vem dar o caminho de que sim, a vida é sem sentido e nosso encontro com o mundo é absurdo; todavia a resposta para essa falta de sentido está em criarmos nosso próprio sentido através da revolta, da liberdade e da paixão, assim perante o absurdo podemos ver que a vida contemporânea mesmo em meio ao desamparo, ao cansaço e o absurdo que ela em vários momentos se demonstra ser, vale a pena ser vivida.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 1942.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Santana do Parnaíba, SP: Best Seller, 2010.

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

FONTES DE MENEZES BISPO, M.; SÁVIO ROSA, R. O mito de Sísifo: a decisão de viver ou suprimir a vida. **Filosofando** - Revista de filosofia da Uesb, [S. l.], v. 1, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/filosofando/article/view/2134>.

PIMENTA, Danilo Rodrigues, A postura camusiana perante ao suicídio. **Existência e Arte – Revista eletrônica do Grupo PET**, ano VIII, número VII, 2012.

AZEVEDO, Pedro Israel Saraiva de. **Do absurdo a revolta em Albert Camus**. Dissertação de Mestrado. 2017. Universidade Federal do Ceará. Disponível em: < <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/36348>>.

SOUZA, Shirlene Rohr de. O homem sem identidade: reflexões sobre a esfera do trabalho. (2016). **Revista ECOS**, 6(1). Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/975>>.

LINS, Rafael de Castro. Albert Camus: da angústia ao suicídio filosófico. (2017). **Revista Ciências Da Religião - História E Sociedade**, 14(1). Recuperado de <<https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/8357>>.

BECHARA, Evanildo C. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

